

**SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO – VELHOS COSTUMES PODEM CUSTAR MUITO DINHEIRO.**

Longe vai o tempo onde as questões de Segurança e Saúde no Trabalho eram tratadas bem ali no Departamento Pessoal, onde alguém da confiança do Chefe daquele Departamento cuidava de quase tudo, as CAT – Comunicações de Acidente do Trabalho eram abertas ou não conforme o desejo desta ou daquela pessoa e as atividades de conscientização dos trabalhadores ficavam resumidas a uma Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho – SIPAT – muito mais festiva do que técnica e tudo acabava em clima de festa.

E isso era assim porque embora houvesse um discurso de possibilidades de sanções na verdade a grande maioria dos casos de acidentes e doenças só tinham mesmo conseqüências para os trabalhadores e suas famílias. Em nome do progresso todos os custos da insegurança no local do trabalho eram assumidos pela sociedade como um todo através da previdência social e muito raramente ia além disso. Por conta disso muitas organizações cuidavam do assunto como uma coisa a mais e esta forma de ver e tratar o assunto de certa forma ainda resiste em algumas delas.

O grande prejuízo deste tempo – para as organizações – foi o desenvolvimento da cultura de que Segurança e Saúde no Trabalho cuida-se de qualquer forma.

Assim, se para determinada área a contratação de profissionais e especialistas seguia determinados critérios, para a área de SST isso era totalmente diferente, bastava ter ali qualquer profissional que atendesse a lei e que na verdade incomodasse o menos possível. O assunto foi sendo “levado com a barriga” – sem que se ao menos pensasse que mais cedo ou mais tarde todos os custos gerados iriam aparecer e que obviamente quando se fala em dinheiro tudo pode tornar-se complicado.

Embora nos últimos anos o governo venha sinalizando de forma clara que os custos dos acidentes e doenças do trabalho começaram a incomodar e por conta disso venha conduzindo a relação organizações x previdência para um novo modelo, muitas são as organizações que ainda insistem no modelo do “fazer por fazer”, expondo-se de forma perigosa especialmente no que diz respeito aos chamados passivos ocupacionais. A idéia do “nada vai acontecer” segue forte na forma de ver de alguns administradores e isso – se não for mudado – em breve implicará em custos significativos.

### **MUDANDO PARADIGMAS**

Durante muito tempo a idéia que o acidente e a doença do trabalho são conseqüências inevitáveis do processo produtivo certamente fez com que muitos dos envolvidos neste processo entendessem que as lesões e adoecimento oriundos do trabalho fossem uma espécie de subproduto que não tinha como ser evitado. Aliado a isso – a cultura do adicional de insalubridade e a rápida e barata solução dos equipamentos de proteção individual também contribuíram para que o assunto fosse tratado de forma.

Obviamente tais idéias não poderiam persistir ao longo do tempo especialmente do ponto de vista ético e da premissa que o trabalho deve ser ferramenta para a melhoria da condição humana e jamais para a mutilação ou adoecimento de pessoas. Além disso e principalmente para a ótica do mundo dos negócios – mais cedo ou mais tarde os custos destes eventos chamariam a atenção.

Segundo algumas estimativas os acidentes e doenças do trabalho custam aos pais U\$ 32 bilhões/ano, sendo que 25 % deste valor impacta diretamente a previdência social. Não é difícil imaginar que um trabalhador que precocemente deixa de contribuir e passa apenas a receber é uma grande problema, isso sem faláramos nos custos dos tratamentos, medicamentos, etc.

De olho nesta realidade e conta o governo vem pouco a pouco ajustando a situação. Parte deste ajuste se dá pelas ações regressivas da previdência que tem como objetivo ressarcir os cofres públicos dos gastos com acidentes e doença do trabalho ocorridos pela inobservância clara das normas de segurança e saúde no trabalho. Nada mais justo que aqueles que não cumprem as regras paguem pelas conseqüências. Junto a isso surgem também as questões do FAP tentando separar o joio do trigo e no nexo epidemiológico obrigando as organizações a tornarem mais fortes e evidentes seus sistemas de gestão para o assunto. Tudo isso indica que em pouco tempo só será possível tocar um negocio se houver de fato uma gestão adequada e clara para a preservação dos trabalhadores. Isso, sem falarmos das ações de ressarcimento que a cada dia aumentam de valor.

Diante deste quadro – que no passado nada mais era do que ameaça que poucas vezes se concretizava – não há mais espaço para ao menos imaginar que uma porção de papéis – mesmo que bem apresentados e escritos – sejam suficientes para encerrar o assunto. De fato será preciso agir para que o trabalho não cause danos as pessoas e aqueles que não o fizerem certamente arcarão com os custos. Portanto é preciso ficar claro que há necessidade de mudanças nesta gestão.

### **SOLUÇÕES ENGANOSAS & SOLUÇÕES VERDADEIRAS**

Em boa parte das organizações ainda existe a idéia da burla, ou seja: se algo precisa ser feito, faremos por fazer e daremos por encerrado o assunto. Interessante que esta forma de ver e agir não ocorre apenas com as questões de segurança e saúde no trabalho mas também com assuntos que são hoje reconhecidamente do interesse das organizações como por exemplo a qualidade. A “doença” do fazer por fazer muitas vezes ignora a possibilidade que algo novo pode ser benéfico quando adotado corretamente. Ao mesmo tempo, o chamado novo muitas vezes e de fato impossível de ser executado já que parte disso vem de projetos e programas externos que pouco ou nada

levam em consideração a realidade. Em boa parte dos casos se houvesse um pouco mais de entendimento sobre determinados programas, sistemas ou assuntos com certeza eles poderiam melhorar em muito a gestão do negocio e a solução verdadeira implicaria também em resultados verdadeiros e de fato seria bom e não apenas mais um grande elefante branco com certificado e tudo mais.

Para a Segurança e Saúde no Trabalho isso também é uma verdade. Como também é verdade que cuidar corretamente deste assunto não é tarefa muito difícil e com certeza nem mesmo cara

Cosmo Palasio de Moraes Jr.